

**A VERGONHA NA NARRATIVA DO POUR-SOI.
SOBRE L'ÊTRE ET LE NÉANT**
**SHAME IN THE PHILOSOPHICAL NARRATIVE
OF BEING AND NOTHINGNESS**

ANA FALCATO
Universidade Nova de Lisboa
anafalcato83@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7019-0899>

Texto recebido em / Text submitted on: 09/06/2022
Texto aprovado em / Text approved on: 28/02/2023

Resumo:

Expõe-se neste ensaio o sentido da inclusão de uma impressão de vergonha como pedra de toque afetiva que reverte a tentação solipsista que ameaça qualquer projeto de uma filosofia transcendental, ao mesmo tempo que se enquadra a respetiva relevância na narrativa conceptual do «cogito», traçada por Sartre em *O Ser e o Nada*. São preservadas duas notas metodológicas sobre a interpretação da obra, que poucas vezes sobrevivem em reconstruções parciais de alguns dos seus temas mais relevantes. Por um lado, preserva-se o aspeto estritamente descritivo da afeção de vergonha e o que esta revela sobre a subjetividade como formalmente entendida por Sartre; por outro, mantém-se aqui uma fidelidade teórica às diferentes etapas da narrativa conceptual do *Pour-Soi*, que Sartre herda da tradição idealista e adapta às principais necessidades de uma descrição fenomenológica das diferentes fases da nossa experiência do mundo exterior à consciência. O ensaio pretende manter a fidelidade ao papel descritivo atribuído por Sartre à impressão de vergonha no interior da complexa narrativa conceptual do *Pour-Soi* e respetivos estágios evolutivos e aos detalhes

do momento de vergonha isolado para análise e a como se coadunam ou não com a dimensão intuitiva e abordagens teóricas contemporâneas desta tão peculiar emoção moral.

Palavras-chave:

Vergonha; cogito pré-reflexivo; Para-Si; Objetificação.

Abstract:

This paper discusses the relevance as well as the conceptual place, within Sartre's *Being and Nothingness*, for the fleeting impression of shame that reverts the threat of solipsism looming over any project of transcendental philosophy. In reading Sartre's masterpiece, I underline two methodological points, which tend to be bypassed in standard interpretations or lengthy discussions of the book. On the one hand, I safeguard the strictly descriptive core in Sartre's presentation of an impression of shame, and what it reveals about the formal structures of the cogito, as Sartre understands it. On the other hand, my analysis keeps abreast of the different phases in the (conceptual) narrative of the For-Itself, which Sartre inherits from the Idealist tradition in modern philosophy and applies to the concreteness of a phenomenological description of the main stages of one's experience of the outside world. The paper is thus keen on being faithful to the description of the precise role Sartre ascribes to shame within his conceptual narrative of the different stages the For-Itself undergoes, while examining the details of the impression thus described and how it fits with both intuitive and theoretical accounts of this highly nuanced moral emotion.

Keywords:

Shame; Pre-reflective cogito; *Pour-Soi*; Reification.

Introdução

Desde os seus textos de juventude que Sartre insistia na importância das emoções para uma compreensão radical das estruturas profundas da subjetividade. O «Esquisse d'une Théorie des Émotions», publicado em 1939, vem já sedimentar duas ideias organizadoras do grande projeto sistemático de uma filosofia existencial ancorada nas estruturas basilares da consciência: a superação de modelos psicológicos incipientes para a explicação última de formas de comportamento humano e de

estados emocionais conscientes, por um lado, e a relevância do poder performativo das emoções na determinação de estados conscientes singulares, por outro (Sartre 1993).

A segunda linha de raciocínio manter-se-á quase inalterada nos principais textos da maturidade filosófica do autor – passando por alguns textos fundamentais daquilo a que poderíamos chamar um ‘período médio’ de produção filosófica, correspondente à segunda metade da década de 1930 e ao alvore dos anos 1940 –, sendo sempre adaptada a análises muito determinadas de formas de consciência qualitativamente distintas, como sejam a «consciência de imagem, a consciência-emoção ou até a consciência-corpo» (*L'être et le néant*, Troisième Partie, Chap. II).

Um desses precipitados conscientes muito determinados a que Sartre dedica especial atenção na sua obra de maturidade filosófica, *O Ser e o Nada*, é aquilo a que poderíamos chamar uma «consciência-vergonha». O exemplo que Sartre, muito plasticamente, oferece, é o de um homem que é flagrado a espreitar uma cena através de uma fechadura (Sartre 2014: 298). Fundamental no processo de reconhecimento da vulgaridade do gesto que produz vergonha, afirma Sartre, é o facto de a vergonha ser, «na sua estrutura primária, vergonha ante alguém» (*vide infra*). Ao testemunhar o meu ato inapropriado ou vulgar, o outro, cuja paridade enquanto sujeito reconheço, interpela a minha consciência como um mediador entre mim e mim, provocando uma reação psicológica de vergonha que pode, num primeiro momento, induzir um comportamento de retração ou autoflagelo devido a uma experiência de objetificação que poderá, num momento posterior, ser recíproca. Na totalidade das estruturas metafísicas desenvolvidas em *O Ser e o Nada*, a vergonha é quiçá a única experiência subjetiva que torna o reconhecimento possível. Como Sartre conclui, no final da sua análise: «A vergonha é por natureza reconhecimento. Nela reconheço que sou como o outro me vê» (Sartre 2014: 300).

Neste breve ensaio, examinar-se-á a evolução do fenómeno da consciência de vergonha (ou «consciência-vergonha»), tal como é descrito e, de certa forma, «dramatizado», na Terceira Parte de *L'être et le néant* (1943), o mais importante tratado de fenomenologia escrito por Sartre e um dos pilares da filosofia europeia do século XX.

Seguindo a evolução dessa trajetória reflexiva expor-se-ão também, e ainda que indiretamente, algumas das principais «diferenças» entre o modelo sartriano para pensar esta emoção moral negativa e outras

abordagens contemporâneas a esta experiência emocionalmente desafiante que têm surgido sobretudo na literatura anglo-americana ao longo dos últimos trinta anos. Em última instância, porém, aquilo que se pretende é determinar a importância da afeção de vergonha, como tal, no trajeto da consciência individual, tal como exposta por Sartre na sua obra de maturidade filosófica. Veremos que o cabimento ontológico deste episódio emocional é estruturalmente «contextual» na história metafísica do *Pour-Soi*, essa entidade que Sartre, seguindo a terminologia e os momentos da grande narrativa sobre a consciência narrada por Hegel, caracteriza como a forma de ser do ser humano que cada um de nós é e pode aspirar a ser.

Vergonha e estruturas da subjetividade

A vergonha é uma impressão extraordinariamente primitiva na experiência psicológica dos seres humanos. Para efeitos puramente explicativos, concebamos uma experiência de vergonha intuitivamente identificada como tal como uma impressão, mais breve, ou uma vivência persistente de desconforto ou desvalorização pessoais em que o reduto egóico é consistentemente atacado, na medida em que a percepção subjetiva autorreferente sofre um tipo de acoso exterior que a priva sistematicamente de neutralidade ou de bem-estar.

O imediatismo e a intimidade de uma impressão de desvantagem ante o olhar do Outro tem um papel de tal forma crítico logo naquele que é o primeiro reduto de socialização de cada um de nós – a família –, que qualquer esforço de elaboração teórica que se proponha compactar descritivamente os seus principais traços, exteriorizando verbalmente essa impressão fugaz, corre o risco do fracasso – por essa mesma desproporção entre experiência vivida e respetiva conceptualização.

Em *L'être et le néant*, Sartre não está interessado em analisar descritivamente, com todas as pinças fenomenológicas ao seu dispor, por assim dizer, as características estruturais da impressão (mais breve), ou da emoção (mais duradoura ou mais recorrente, com uma tipologia intencional clara) de vergonha. O que sim lhe interessa é dissecar as estruturas fundamentais de uma nova forma de auto-consciência. E essa análise detalhada de uma nova manifestação do «cogito» a si mesmo passa pela «impressão» de vergonha.

Para o filósofo que determinou radicar a (sua) análise das estruturas fundamentais da realidade humana, uma vez mais, no «cogito», a velha ameaça solipsista regressa. E muito embora o cogito sartriano não seja mais um cogito transparente a si mesmo, que se autoafirma ao cabo de um percurso de dúvidas sobre tudo aquilo que está para além de si, mas «um cogito que se descobre», num quadro muito subtil de reflexão que passa já pelos vários marcos de exterioridade que dão sentido à interioridade da própria consciência – seja por um complexo objetal que possibilita e configura a ação do indivíduo sobre o mundo que o circunda, ou uma nota de identidade pessoal que não pode dissociar-se da articulação entre ego e mundo exterior –, a verdade é que Sartre dedica muitas páginas, em *L'être et le néant*, a desconstruir e rejeitar a ameaça de solipsismo⁽¹⁾.

A pedra de toque desta recusa da hipótese de isolamento ontológico vai estar, justamente, numa experiência de vergonha, que Sartre ancora numa mais vasta dinâmica sobre o poder do olhar entre as pessoas. A vergonha revelar-se-á uma emoção crucial no interior da metafísica sartriana, por esta mesma razão: ao desvelar uma nova forma de consciência de si que integra a consciência de outrem, a vergonha mostra ao cogito que este não existe só e, inclusive, nos termos mais dramáticos de *L'être et le néant*, revela a subjetividade humana como existindo «para-um-outro».

Vejamos como Sartre introduz a primeira descrição estruturada de um episódio de vergonha no capítulo sobre a intersubjetividade:

Consideremos, por exemplo, a vergonha. [...] É uma consciência não posicional (de) si próprio enquanto vergonha e é, como tal, um exemplo daquilo a que os Alemães chamam '*Erlebnis*'. Além disso, a sua estrutura é intencional, é uma apreensão vergonhosa *de* qualquer coisa e essa coisa sou *eu*. Tenho vergonha daquilo que *sou*. A vergonha concretiza uma relação íntima de mim comigo: descobri pela vergonha um aspecto do *meu* ser. E, no entanto, ainda que certas formas complexas e derivadas de vergonha possam aparecer no plano reflexivo, a vergonha não é, originalmente, um fenómeno de reflexão. Na verdade, quaisquer que sejam os resultados que possamos obter na solidão pela *prática* religiosa da vergonha, a vergonha, na sua estrutura primeira, é vergonha *diante de alguém*. Acabo de fazer um gesto desajeitado ou vulgar: esse gesto

(1) Veja-se o importante capítulo da obra, «L'écueil du solipsisme» (Sartre 2014: 261-271).

cola-se a mim próprio, não o julgo nem o condeno, limito-me a vivê-lo no modo do para-si. Mas eis que de repente levanto a cabeça: alguém estava por perto e me viu. Dou-me conta subitamente da vulgaridade do meu gesto e tenho vergonha. Claro que a minha vergonha não é reflexiva, na medida em que a presença de um outro à minha consciência, mesmo à maneira de um catalisador, é incompatível com a atitude reflexiva: no campo da minha própria reflexão não encontro mais do que a minha própria consciência. O outro, porém, é o mediador indispensável entre mim e mim: tenho vergonha de mim *tal como apareço* a um outro. E pela presença de um Outro, fico em situação de passar um juízo sobre mim próprio enquanto objecto, porque é como objecto que apareço ao Outro. (Sartre 2014: 259-260)⁽²⁾.

Atentemos um pouco nas nuances descritivas desta complexa passagem. Esquemáticamente, aquilo que a vergonha revela ao «cogito» é uma nova forma, pré-reflexiva, de auto-apreensão – mediada pela transcendência do Outro. Para Sartre, o elemento mais importante na experiência de vergonha, não é tanto que revele a presença de um Outro a mim próprio como um ‘público’ ante o qual sinto vergonha, e sim que «essa forma de consciência que determina a minha experiência de vergonha apenas se constitui num encontro imediato com o Outro».

(2) A tradução é da minha responsabilidade.

[cf.: «Considérons, par exemple, la honte. [...] Elle est conscience non positionnelle (de) soi comme honte et, comme telle, c’est un exemple de ce que les Allemands appellent «Erlebnis», elle est accessible à la réflexion. En outre sa structure est intentionnelle, elle est appréhension honteuse de quelque chose et ce quelque chose est moi. J’ai honte de ce que je suis. La honte réalise donc une relation intime de moi avec moi: j’ai découvert par la honte un aspect de mon être. Et pourtant, bien que certaines formes complexes et dérivées de la honte puissent apparaître sur le plan réflexif, la honte n’est pas originellement un phénomène de réflexion. En effet, quels que soient les résultats que l’on puisse obtenir dans la solitude par la pratique religieuse de la honte, la honte dans sa structure première est honte devant quelqu’un. Je viens de faire un geste maladroit ou vulgaire: ce geste colle à moi, je ne le juge ni ne le blâme, je le vis simplement, je le réalise sur le mode du pour-soi. Mais voici tout à coup que je lève la tête: quelqu’un était là et m’a vu. Je réalise tout à coup toute la vulgarité de mon geste et j’ai honte. Il est certain que ma honte n’est pas réflexive, car la présence d’autrui à ma conscience, fût-ce à la manière d’un catalyseur, est incompatible avec l’attitude réflexive: dans le champ de ma réflexion je ne puis jamais rencontrer que la conscience qui est mienne. Or autrui est le médiateur indispensable entre moi et moi-même: j’ai honte de moi tel que j’apparais à autrui. Et, par l’apparition même d’autrui, je suis mis en mesure de porter un jugement sur moi-même comme sur un objet, car c’est comme objet que j’apparais à autrui» (Sartre 2014: 259-260)].

Portanto: num momento *ekstático*⁽³⁾ da minha própria consciência de mim, a vergonha desvela o Para-Si num modo de ser Para-Outro(s). Em termos conceptuais, o que o modelo interpretativo sartriano para esse exato instante em que sentimos vergonha nos oferece é a chave para uma constituição exteriorizada da consciência da minha própria interioridade. Concentremo-nos no que Sartre escreve sobre esse preciso instante em que acontece uma nova forma de auto-apreensão:

De súbito, tenho consciência de mim próprio como algo que me escapa – não porque sou o fundamento do meu próprio nada, mas porque o meu fundamento jaz fora de mim. [...] A vergonha é apenas a impressão original de ter o meu ser fora de mim, comprometido com outro ser e, bem assim, sem nenhuma defesa. A pura vergonha não é a impressão de ser este ou aquele objecto culpado mas, de forma geral, a impressão de *se ser um objecto*⁽⁴⁾; ou seja, de me reconhecer neste ser degradado, fixo e dependente que sou para um Outro⁽⁵⁾. (Sartre 2014: 300).

Sartre está aqui justamente a meio de uma complexa narrativa sobre a consciência humana, que concebe como uma forma de negação sistemática e permanentemente renovada. Após uma longa introdução

(3) Este é um termo [*Ek-stático*, bem como *ek-stase*] de certa forma «técnico» no âmbito da reflexão fenomenológica e respetiva terminologia descritiva. Não é Sartre o único autor a usá-lo; Heidegger e outros autores da Escola Alemã de Fenomenologia também o fizeram. O que o respetivo «cluster» terminológico normalmente refere é um momento muito significativo no âmbito da experiência humana pessoal (como quer que então seja descrita ou apresentada em termos teóricos), que liberta uma nova possibilidade de compreensão da realidade. O momento de «ek-stase» desvela o ser humano a si próprio com uma nova amplitude de compreensão, de si próprio, dos Outros e do Mundo circundante. A descrição sartriana da trajetória do *Pour-Soi*, que aqui procuramos retomar, contempla e nomeia três instantes ek-státicos: i) a não-auto-coincidência temporal consigo próprio; ii) o momento de compreensão da não-correspondência com a autoidentidade da *coisa*; iii) a separação radical e insuperável do Outro.

(4) Meu itálico.

(5) A tradução é da minha responsabilidade. [cf.: «[...] j'ai tout d'un coup conscience de moi en tant que je m'échappe, non pas en tant que je suis le fondement de mon propre néant, mais en tant que j'ai mon fondement hors de moi. Je ne suis pour moi que comme pur renvoi à autrui. [...] La honte n'est, pareillement, que le sentiment originel d'avoir mon être dehors, engagé dans un autre être et, comme tel, sans défense aucune. La honte pure n'est pas sentiment d'être tel ou tel objet répréhensible mais, en général, d'être *un objet*, c'est-à-dire de me reconnaître dans cet être dégradé, dépendant et figé que je suis pour autrui.» (Sartre 2014: 328)].

que desenha o propósito analítico de *L'être et le néant* como um todo, contextualizando a sua nova proposta de sistematização no interior da tradição fenomenológica desde os seus alvares – incluindo a respetiva dívida conceptual e problemática para com o sistema teórico de Kant e o problema do fundamento último do conhecimento humano (Sartre, 2014: 11-33) –, de um longo capítulo introdutório sobre as origens da negação e de um outro capítulo sobre as estruturas do *Pour-Soi*, Sartre passa agora à exposição de um novo êxtase⁽⁶⁾ constitutivo da vida fáctica da consciência humana, determinado pela respetiva abertura necessária e forçada a uma outra consciência.

Bem assim, há duas conclusões fundamentais que podem ser extraídas da passagem acima. Por um lado, a vergonha provoca uma metamorfose ontológica ao nível da (minha) realidade humana como liberdade radical. Pela experiência de vergonha, transformo-me num objeto, com uma natureza que me é conferida pelo Outro. Além disso, e na medida em que este novo estatuto de «consciência reificada» é apenas um momento na constituição da auto-consciência, com o mesmo tipo de apodicticidade que define o próprio «cogito» – trata-se apenas do «cogito um pouco expandido», como refere Sartre –, a presença empírica, «fáctica» do Outro à minha consciência é totalmente dispensável para a certeza da sua presença enquanto sujeito. Já que o fenómeno da intersubjetividade é um puro encontro de consciências, para Sartre, e é de mim próprio enquanto objeto constituído pela pura subjetividade do Outro que sinto vergonha, a mera probabilidade da presença física de outrem na experiência de mim mesmo enquanto coisa vista, que tem a sua liberdade alienada é, não apenas ontologicamente secundária, como até irrelevante para o despontar da impressão de vergonha. Como na afirmação irrefutável do próprio «cogito», a certeza desta nova forma de auto-apreensão está do lado da consciência – e não do mundo.

Nos termos de *L'être et le néant*, a auto-aperceção da consciência-vergonha expõe de forma apodítica uma forma de certeza de si que integra, simultaneamente, a vivência íntima de uma outra consciência exterior à minha própria, e cuja nuance qualitativa alarga o próprio teor fenoménico da experiência íntima de si.

Dentro do modelo dialético da luta de consciências, tal como recriado por Sartre a partir de Hegel, a figura que ganha novos contornos de

(6) Vide nota 3.

substancialidade – uma renovada «espessura ontológica», por assim dizer – mesmo que esta se atualize apenas ao nível degradado da coisificação da subjetividade individual – é mesmo o Ego, ou seja, o sujeito que, através de uma nova forma de consciência pré-reflexiva de si próprio como tendo o seu fundamento fora de si, ganha uma dimensão de ser que lhe é «imposta» pelo olhar do Outro. Trata-se, em suma, da descoberta de uma nova forma de consciência de si que não é diretamente acessível ao «cogito» através da pura reflexão, e que apenas o encontro direto com outra consciência possibilita. Ora, este encontro não-mediado com uma consciência exterior à minha, e que disponibiliza um novo tipo de experiência da minha própria interioridade, tem para Sartre o estatuto de uma «necessidade fáctica».

A noção de «necessidade fáctica» tem uma ressonância claramente paradoxal e talvez tenha sido explicitamente proposta por Sartre para convocar perplexidades. Porém, aquilo de que fundamentalmente se trata, no contexto da narrativa conceptual sobre a intersubjetividade na Terceira Parte de *L'être et le néant*, é que a vergonha desvela o Outro ao *Pour-soi* como uma necessidade *a posteriori*, isto é, sendo o encontro de consciências inevitável, nem o Outro pode ser analogicamente deduzido das estruturas transcendentais do *Pour-soi*, nem o meu ser-para-um-outro pode ser meramente inferido da pura consciência reflexiva. Como reflete Sartre: «O Outro é o polo concreto (mas fora do meu alcance) da minha própria transcendência; a alienação de todas as minhas possibilidades» (Sartre 2014: 304). Há, por isso, uma parte da própria estrutura formal da subjetividade individual que não está formada antes do encontro com a alteridade.

Portanto, aquilo que a experiência primeira da intersubjetividade anuncia, em termos Sartrianos, é um novo ek-stase co-constitutivo do *Pour-soi*, que lhe permite apreender-se de forma mais íntegra.

Fica claro, a partir de tudo o que foi dito acima que, para Sartre, o polo que ganha um novo conjunto de determinações através da experiência de vergonha é a estrutura individual da consciência pré-reflexiva. Em termos muito esquemáticos, sou, portanto, «eu e não o Outro» quem muda –, na medida em que fico subitamente «consciente de uma nova dimensão do meu ser que reside fora de mim próprio e que, posta essa mesma exposição exterior, escapa a uma forma completa de auto-apreensão»⁽⁷⁾.

(7) O momento de vergonha, isolado para análise, por Sartre, logo no início da Terceira Parte de *L'être et le néant*, serve o justo propósito de relevar a presença «indubitável» de

No interior de uma fábula metafísica enormemente complexa, e com alguns elementos de espacialização que Sartre não recusa⁽⁸⁾, desvela-se uma parte de mim próprio, da minha atuação no mundo e de uma disposição afetiva fundamental a que não tenho acesso, «que não vejo», e que me está permanentemente vedada, sendo o apanágio da apreensão que o Outro faz de mim. Por outro lado, aquilo que é válido para um *Pour-soi* é-o para todos e, bem assim, a «solução» altamente pessimista para o problema da intersubjetividade, proposta por Sartre já em *L'Être et le néant*, assenta, através do choque da impressão de vergonha, numa universalização des-totalizada de liberdades mutuamente alienantes.

Sem investir numa descrição fenomenológica exaustiva da experiência de vergonha, Sartre insiste, porém, na análise concreta do impacto da emoção sobre a consciência individual e na respetiva metamorfose que se opera em termos de auto-apreensão (no instante de vergonha, a minha experiência íntima incorpora a presença fáctica de uma outra subjetividade).

No interior de um projeto filosófico sistemático, que coloca a principal ênfase nas noções de «Liberdade» e de «Consciência», a experiência de vergonha revela fundamentalmente duas coisas: por um lado, que o Outro é o limite imediato da minha liberdade e que a sua presença à disposição pré-reflexiva em que normalmente me encontro é um momento na constituição do próprio «cogito» – um momento que surge com a exposição a uma outra transcendência (ver nota 7). E por outro lado, há uma parte indubitável da minha subjetividade que é formada fora de mim. Ambos traços revelam a fragilidade do tão almejado projeto Moderno de uma subjetividade maximamente

um Outro ao «si» ou cogito pré-reflexivo, e na intimidade da própria consciência de si. Após a longa Segunda Parte, sobre as estruturas fundamentais do Para-Si – incluindo a Negação –, Sartre abre a Terceira Parte de *L'Être et le néant* com a exposição do problema do solipsismo, e introduz aí a descrição minuciosa do episódio de vergonha, citado acima. O encontro imponderado e irremediável com a facticidade de um Outro prova ao Para-si a existência concomitante dum Outro, e revela-o a si mesmo como existindo «para-outrem». É essa dupla prova que destrói o solipsismo que, hipoteticamente, ameaçaria uma filosofia da subjetividade. Nas palavras de Sartre: «...la honte est, par nature, reconnaissance. Je reconnais que je suis comme autrui me voit. Il ne s'agit cependant pas de la comparaison de ce que je suis pour moi à ce que je suis pour autrui, comme si je trouvais en moi, sur le mode d'être du pour-soi, un équivalent de ce que je suis pour autrui. [...] la honte est un frisson immédiat qui me parcourt de la tête aux pieds sans aucune préparation discursive. [...] autrui ne m'a pas seulement révélé ce que j'étais: il m'a constitué sur un type d'être nouveau qui doit supporter des qualifications nouvelles» (Sartre 2014: 260).

(8) Ver, especialmente: Troisième Partie; Chap. I.

soberana – mas não sem que o respetivo ponto de partida seja uma vez mais reassumido, reformulado em termos dos seus componentes formadores e descritivamente contextualizado no interior de uma história conceptual enormemente difícil que explora as várias etapas da consciência individual, tanto em termos daquilo que lhe subjaz como do que a transcende. Ou seja: Depois de explorar os dois modos ek-státicos autorreferentes da consciência individual – em primeiro lugar, uma forma de consciência que, contrariamente à uniformidade coisal e pela sua própria dinâmica interna, é «não-igual-a-si-mesma» (primeiro ek-stase do *Pour-Soi*); depois, um desencontro constitutivo e temporalmente determinado entre experiência subjetiva e auto-apreensão (segundo ek-stase do *Pour-Soi*), Sartre descreve agora a última formação não-coincidente do «cogito» consigo próprio: o encontro com um Outro, que apreende o ego de uma forma constitutivamente não-disponível para si próprio e que acontece em termos fácticos, ao invés de ser formalmente pressuposto – este é, justamente, o terceiro ek-stase do *Pour-Soi*, segundo a narrativa metafísica de *L'être et le néant*.

Cada um dos mencionados êxtases ou ek-stases ontológicos concretiza e expande a importância ontológica do Nada no interior do projeto metafísico sartriano.

Esta extensão e reconfiguração formal da estrutura do «cogito», que conta com etapas de insuficiência radicadas na sua própria constituição interna e com este novo momento de incipiência ontológica radicado numa consciência exterior à consciência individual, acentua o profundo pessimismo ontológico que Sartre sempre expressou em relação à realidade humana, também (ou até muito especialmente) na sua dinâmica intersubjetiva⁽⁹⁾.

O modelo fenomenológico desenvolvido por Sartre para superar a hipótese de isolamento ontológico, que passa indelevelmente pela descrição – agora reabilitada – de uma experiência breve e flagrante de vergonha, colhe elementos fenoménicos intuitivos e facilmente reconhecíveis em qualquer experiência individual desta emoção difícil, ao mesmo tempo que a acuidade da descrição pormenorizada deste episódio consciente, em termos fenomenológicos puros, empresta *nuances* específicas e uma ferramenta crítica para qualquer sujeito avaliar uma experiência (ou a respetiva iminência de uma experiência) pessoal de vergonha.

(9) Vejam-se, muito especialmente, a Terceira Parte de *L'être et le néant* («Le Pour-Autruï») e a peça de 1944, *Huis Clos*.

Quer dizer: se, como definimos no início deste ensaio, a experiência consciente de vergonha corresponde, alternativa ou cumulativamente, a

uma impressão, mais breve, ou uma vivência persistente de desconforto ou desvalorização pessoais em que o reduto egóico é consistentemente atacado, na medida em que a percepção subjectiva auto-referente sofre um tipo de acoso exterior que a depriva sistematicamente de neutralidade ou de bem-estar,

então a fórmula sartriana, que fixa um instante exemplar de «flagrante delito» vivido pelo sujeito no confronto com o olhar recriminatório do Outro, corresponde a uma instância inequívoca dessa tipologia de experiência consciente que acontece como uma disposição intencional pré-reflexiva, temática e temporalmente aberta à reflexão.

O momento de vergonha isolado por Sartre no Capítulo Primeiro da Terceira Parte de *L'être et le néant* é um exemplo reconhecível de uma experiência pessoal da emoção em contexto intersubjetivo que, além de elementos fenoménicos básicos, identificados em modelos psicogenéticos bem conhecidos (*vide infra*), mapeia formas de experiência pessoal da emoção em pauta que qualquer um de nós pode invocar sem dificuldade, como sejam a impressão dolorosa de objetificação pelo olhar do Outro ou a imobilização impotente de um conjunto de gestos espontâneos que o olhar reprovador desse Outro faz, subitamente, cessar.

Reapreciação ético-existencial

A terminologia de Sartre para descrever o momento do encontro entre consciências em que a impressão de vergonha sobrevém é, como bem sabemos, pesada. À luz do que foi exposto acima, porém, gostaria de me concentrar numa expressão usada em *L'être et le néant*, na famosa secção sobre «O Olhar».

Sartre descreve o tipo de consciência que tenho de mim mesmo ante o olhar do Outro como «consciência degradada». Para entender esta expressão como algo mais do que um abuso linguístico, teremos de focar a análise naquilo que «consciência» significa para Sartre. A mais elementar estrutura da consciência – ou «cogito pré-reflexivo» –, pensa o filósofo, é só uma fina película da experiência de si próprio que permite

negar a realidade atual e conceber configurações de mundo alternativas à presente. É esta a forma de espontaneidade que é apanágio da própria presença a si e que, quando bem entendida, define o ser da consciência como uma forma irrecusável de liberdade. Liberdade é, pois, liberdade de negar cenários e configurações objetais exteriores correntes.

Ora, acontece na experiência de vergonha ou – na terminologia um pouco forçada, mas estritamente descritiva, do jovem Sartre –, na «consciência-vergonha», uma dupla restrição a esta forma de liberdade individual. Por um lado, a experiência de penoso flagrante limita – para não dizer que «bloqueia» – qualquer margem de criação de objetos alternativos de consciência; por outro lado, a formação exterior de uma dimensão complementar da subjetividade, inapreensível desde o seu interior, e separada da mesma por um perfil subjetivo com características simétricas de espontaneidade e de negação permanentemente renovada da realidade fáctica, cria uma barreira de opacidade à auto-apreensão que nem a dimensão reflexiva pode superar (Sartre 2014: 302).

Nesta complexa narrativa metafísica do Pour-Soi, o «momento de vergonha» serve a Sartre como indicador das duas principais aporias herdadas pelo seu modelo teórico e discutidas até este ponto: em primeiro lugar, a ameaça solipsista; em segundo lugar, o fecho do trajeto mundano da consciência infeliz, a que Sartre, numa nota muito pessoal, chama «uma paixão inútil» (Sartre 2014: 661).

Contrariamente as propostas hermenêuticas muito concretas sobre a emoção negativa em análise, que identificam estruturas genéticas na evolução, quer da impressão quer da emoção de vergonha, ou ainda mecanismos de internalização psíquica do objeto ante o qual a impressão de vergonha se forma (ambos são motivos temáticos e metodológicos presentes na influente análise feita por Bernard Williams em *Shame and Necessity* (Williams 1993: esp. 220-225)), ou de afeções basilares da subjetividade a que a vergonha constitui um assalto (conforme exposto nas leituras contemporâneas do fenómeno moral desenvolvidas por John Rawls ou Gabriele Taylor (Rawls 1999; Taylor 1985)), em *L'être et le néant* a impressão de vergonha tem uma função pouco menos do que «performativa». O que tal significa, no âmbito da extensa descrição do momento fáctico em que se dá o encontro imediato de duas consciências, ele mesmo ancorado no interior de uma história dramática sobre os momentos primevos e formadores da consciência humana individual, é que a vergonha termina de produzir o ser do *Pour-Soi* na última etapa de

formação exteriorizada da sua inerente insuficiência ontológica. Em *L'être et le néant*, o instante de vergonha acaba de formar o «Soi», literalmente «face a um outro Soi».

No interior de uma dinâmica de conflito permanentemente renovável entre subjetividades que lutam pela autossuficiência, a vergonha, desvelando uma forma de autoconsciência inclusiva de outra subjetividade, implica uma norma de «reconhecimento», de certa forma única no interior da metafísica da subjetividade que Sartre propõe. E este veio conciliatório tem duas vertentes, que cabe identificar separadamente.

Por um lado, Sartre escolhe precisamente uma emoção muito negativa – no quadro expositivo de *L'être et le néant*, introduzida mais como uma «afeção» breve, mas poderosa, desse precipitado subjetivo, acima descrito, que é o cogito pré-reflexivo –, cuja forma de ativação e impacto sobre cada indivíduo depende, estruturalmente, do reconhecimento de uma subjetividade que se lhe opõe, e cujo exercício radica na força do olhar (a peculiaridade do tipo de afeção suscitada já implica, pois, a «co-presença de um Outro que é humano», na medida em que se trata, justamente, do «olhar» e não do mero «ver»). Mas também, a um nível mais neutro e mais estrutural, que não pode deixar de interessar uma teoria da subjetividade, integralmente considerada, a situação dramática da experiência de vergonha que Sartre escolhe narrar nesta obra, acarreta uma rendição de soberania individual, que incorpora mesmo uma componente perceptiva. Se há uma parte do esforço de autoconhecimento e inútil tentativa de coincidência consigo mesmo (na terminologia de *L'être et le néant*: do projeto de ser «en-soi-pour-soi»⁽¹⁰⁾) que tem lugar fora dos confins do sujeito, então esse resto de subjetividade que pressupõe aquilo que só

(10) Esta estranha terminologia deve entender-se com propriedade, no interior da história metafísica narrada por Sartre em *O Ser e o Nada* e distinguir-se firmemente da definição de Má-Fé enunciada pelo autor logo no Segundo Capítulo da obra. O projeto, estruturalmente gorado, de se ser «en-soi-pour-soi», não se confunde com a recusa de liberdade e auto-limitação objetificante que caracteriza a má-fé. Trata-se sim de um almejo de coincidência reflexiva consigo próprio, que transcende a dinâmica de negação característica do próprio cogito. Bem entendida, esta aspiração irrealista – que pretenderia efetivar uma coincidência coisal do *soi* consigo mesmo –, eliminaria a dimensão temporal da consciência de si, o elemento formal que Kant, antes de Sartre e da tradição fenomenológica, definiu como a condição última, não apenas da dinâmica cognoscitiva do sujeito, como, literalmente, da sua *sobrevivência* como consciência individual (veja-se, por exemplo, *Anthropologie im Pragmatischer Hinsicht. Erstes Buch.* [Kant 1798] 2007: 272ss.).

um Outro vê de mim mesmo é delegado numa subjetividade que não a minha. Num momento de vergonha, o Outro termina de me revelar «aquilo» que sou. Nesse instante petrificador, de consciência pura passo a simples coisa (Sartre 2014: 260).

Fica desde logo claro que este segundo momento de análise implica o puro esforço da reflexão. Na experiência pessoal não posicional da emoção ou da impressão de vergonha, só o primeiro momento descritivo se impõe. Ou seja: se a impressão breve e maximamente impactante, que Sartre descreve ilustrativamente no início da Terceira Parte de *L'être et le néant* representa apenas um «choque de duas consciências» mutuamente alienadas, cuja plasticidade fáctica serve o justo propósito de expor a inviabilidade de qualquer hipótese solipsista, assegurando que o sujeito que experimenta vergonha pelo flagrante do olhar de um outro tem a certeza da sua presença e tem evidência imbatível desse dado à consciência própria, a qualificação gradual do teor da experiência subjetiva de choque e respetiva «fabricação» de uma forma de auto-evidência mediada pela presença de outrem ocorre num momento posterior de reflexão e incorpora uma componente inferencial indisponível na primeira fase do encontro intersubjetivo. Para Sartre, é o primeiro momento descritivo que expõe fenomenologicamente a força da impressão de vergonha na primeira pessoa, mas é só o aporte qualitativo do teor desse impacto imediato sobre a consciência de si, propiciado pelo ato reflexivo, que revela o verdadeiro impacto dessa impressão sobre a nova etapa da experiência íntima subjetiva, formalmente incorporadora da aperceção da subjetividade alheia.

É certamente um aspeto notável da elaboração meta-reflexiva sobre o valor «ético e existencial» do enquadramento desta experiência peculiar dentro do projeto filosófico de Jean-Paul Sartre que, a haver uma componente normativa extraível da experiência de vergonha, tal como descrita em *O Ser e o Nada*, ela não se assemelhará em nada a outras leituras históricas da mesma emoção, pensada enquanto experiência com valor moral.

Talvez nem tenha sido Platão o primeiro filósofo a especificar a relevância moral da emoção de vergonha, e Aristóteles certamente sedimentou uma interpretação que se tornaria historicamente relevante⁽¹¹⁾.

(11) Veja-se a famigerada reflexão sobre pudor e vergonha no Livro IV da *Ética a Nicómaco*: «Acerca do pudor não pode dizer-se que se trata de uma certa excelência. Na

Mas muitos modelos teóricos estritamente contemporâneos – culminando no já amiúde citado livro de Bernard Williams (Williams 1993), que reorientou substancialmente a natureza do debate em torno da importância psicológica e moral da experiência de vergonha para o homem contemporâneo – insistem na importância normativa da vergonha como fator determinante da correção da ação humana. Como vimos anteriormente, não é esse o aspeto privilegiado pela abordagem Sartriana – nem mesmo quando se reconsideram e reexaminam nuances terminológicas importantes para Sartre (como a de «consciência degradada»). Portanto, uma reapreciação de tipo «ético-existencial» do modelo fenomenológico desenvolvido por Sartre não é facilmente coadunável com modelos normativos contemporâneos como o de Bernard Williams (suficientemente explanado ao longo deste ensaio), John Rawls⁽¹²⁾ ou Gabriele Taylor⁽¹³⁾ – para não falar da crescente releitura do pendor moral das emoções na ética kantiana (cf. Bibliografia).

verdade, parece-se mais com um sentimento do que com uma disposição de carácter. Ela é definida, pelo menos, como um certo medo da má reputação e produz um efeito próximo do medo em face do perigo. Só que enquanto os que se envergonham coram, os que se angustiam em face da morte empalidecem. Em ambos os casos, parece tratar-se de um certo fenómeno somático, por isso mesmo parece mais uma afectação do que uma disposição de carácter». (Aristóteles 2004: 116. Cf.:1128b10).

(12) Na Terceira Parte de «A Theory of Justice», sobre os Fins da ação justa, Rawls propõe uma distinção entre «vergonha natural» e «vergonha moral» (Rawls 1971: 444). O primeiro tipo de emoção seria uma mera consequência da exposição do agente à facticidade de determinadas desvantagens involuntárias do seu carácter ou da sua aparência. Só no segundo tipo de emoção, defende Rawls, é que o agente moral se acha exposto a uma desadequação entre os requisitos de uma virtude no seu catálogo normativo e uma ação voluntária não concordante com esses requisitos.

(13) Em «Pride, Shame and Guilt» (Taylor 1985), Gabriele Taylor desenvolve um modelo teórico para pensar o impacto moral íntimo da experiência de vergonha, que parte de um modelo de exteriorização descritiva para a acomodação de uma audiência na psique individual. O seu ponto de partida é um exemplo de Max Scheler em «Über Scham und Schamgefühl». Scheler imagina um modelo que, após posar nua para um artista por algum tempo, se dá conta de que deixou de ser um motivo artístico e passou a ser vista como um objeto sexual. A ideia central de Taylor é que o sentido de vergonha é aí provocado por uma conceção exteriorizada, de segunda ordem, da situação que provoca a reação de vergonha; o fulcro do argumento é que há um «ver-se sendo visto sob a descrição» do tipo de situação de desvantagem em que a vergonha ocorre. Embora a modelo não tenha que ver-se como o artista agora a vê, pela mediação da consciência do outro, dar-se-á conta de que passou a ser vista como um objeto de desejo sexual e, portanto, sob uma nova descrição. O seu próprio posicionamento em relação a esta nova descrição é, agora, negativamente crítico. Como Taylor conclui, «ser-se vista como é agora vista é encontrar-se numa situação em que nenhuma mulher decente deve encontrar-se» (Taylor 1985: 61).

Ou seja, se Sartre pensou uma forma de «consciência impregnada de emoção», cujo desempenho perceptivo e autorreferente é fundamental para entender algumas das estruturas basilares da subjetividade humana e a partir de cujo patamar descritivo teceu então considerações importantes do ponto de vista normativo, tal não aproxima a sua reflexão de outras no espectro teórico contemporâneo, mas serve antes para isolar a respetiva originalidade no quadro do debate contemporâneo sobre emoções – e, muito especialmente, sobre vergonha. Sartre não pensa a chamada «consciência-vergonha» como um determinante da correção ou moralidade da ação, e a respetiva pertinência deste importante fenómeno consciente, quer para a narrativa «épica» do Cogito, em *L'être et le néant*, quer no interior de um estudo fenomenológico puro das emoções como estados conscientes (Sartre 1939) não é um bom correlato teórico de abordagens de teor mais genético (no sentido de estudos sobre as origens últimas da ação moral), como a de Bernard Williams ou de qualquer outro grande especialista em filosofia moral e política, dentro ou fora da tradição anglófona⁽¹⁴⁾. Também aqui, e seguindo até um importante preceito metodológico caro a Sartre, é importante destrinçar bem aquilo que a sua rica abordagem teórica «não nos dá», para melhor entender quais os seus propósitos últimos. E o seu fito último e mais determinante é, justamente, o de entender como é que a consciência humana se encontra e se orienta no interior de um universo inerte e objetual, contra o qual se determina a ser ela própria. É nessa trajetória de constante reverberação «anti-coisal» que um episódio de vergonha, como o narrado e dramatizado na Terceira Parte de *L'être et le néant*, ao atestar-me a presença fenomenalmente incontestável de uma outra consciência que não a minha própria, me dá o último instante de certeza sobre a dinâmica não identitária e não-auto-coincidente da consciência humana individual.

(14) A leitura de Williams pode classificar-se como «genética» em pelo menos dois sentidos. Muito perto de uma perspetiva psicanalítica na sua análise do sentimento básico da vergonha, Williams estuda a elaboração da experiência primária no âmbito da psicologia individual, desde a mera exposição da nudez até à internalização do olhar crítico do outro, e porque está também interessado em desmontar um núcleo de ideias feitas no interior de interpretações da filosofia prática kantiana, sobre a pré-moralidade ou extra-moralidade do sentimento de vergonha e, simultaneamente, em destituir um reduto de leituras antropológicas e filológicas sobre a «infantilidade moral» da cultura grega pré-socrática, o seu livro, «Shame and Necessity», constrói ainda uma invalidação dessa tese recuperando material das tragédias de Sófocles e Eurípedes e dos poemas de Homero onde, efetivamente, noções e experiências de vergonha estão presentes e a sua elaboração tem um estatuto claramente moral.

Conclusão

Este breve ensaio traçou, reconstrutivamente, a importância cabal da impressão de vergonha na «épica fenomenológica» do *Pour-Soi*, tal como apresentada por Jean-Paul Sartre na sua obra-prima de filosofia, *L'être et le néant*. Foi meu explícito propósito, não apenas depurar analiticamente os principais momentos da exposição sartriana sobre o *Pour-Autrui*, enquanto ek-stase co-constitutivo do *Pour-Soi*, mas ainda explorar a importância dessa emoção «pivot» no interior da famosa análise da experiência de intersubjetividade, tal como narrada na Terceira Parte do tratado publicado pela primeira vez em 1943.

Tal esforço duplo de isolamento, conceptual como temático, de um momento vivencial chave, hipostasiado por Sartre num ponto crítico da sua longa descrição da história íntima do *Pour-Soi*, tem um cabimento «teórico e funcional» que pode ser difícil de auscultar. Ou seja: pode ser difícil de entender a relevância teórica – ou até histórico-filosófica – de isolar e examinar em profundidade um momento argumentativo relativamente breve no âmago de um ensaio filosófico muito mais longo e com bandeiras conceptuais bem conhecidas – até de um público não especialista. Mas não se trata apenas de um capricho escolástico ou de uma mera depuração terminológica. Vejamos porquê.

Se, por um lado, os trabalhos académicos sobre Sartre ou sobre *L'être et le néant* – ou até sobre a história da fenomenologia no século XX – tendem a isolar o tratamento da intersubjetividade sem atender à importância decisiva do momento narrativo da experiência de vergonha no âmago da história conceptual do próprio livro (Barnes 1992; Gardner 2009), outros estudos há que isolam um suposto tratamento ou perspectiva sartrianos sobre a emoção em pauta, descurando em absoluto a respetiva inserção na narrativa filosófica da obra de Sartre (que obviamente inclui, mas não se circunscreve, a *L'être et le néant*). É esse, de certa forma, o procedimento de assimilação teórica usado por Bernard Williams (Williams 1993: 82).

Optando por uma abordagem muito diferente à experiência de vergonha como um fenómeno cultural com ressonâncias éticas inequívocas, Bernard Williams será um dos filósofos mais emblemáticos da tradição analítica, a escrever na segunda metade do século XX, que tomará de empréstimo o famoso exemplo de Sartre em *L'être et le néant* (sobre o encontro inesperado com um Outro). Williams deu um conjunto de lições em Berkeley em 1989 – as prestigiosas Sather Classical Lectures –, publicadas em 1993 com o título

Shame and Necessity, e é nesta obra, por muitos considerada como a sua obra filosófica mais importante (Williams 2006), que uma minuciosa análise da experiência de vergonha como um evento de teor psicológico e moral é oferecida. Tratando-se de uma obra (e de uma série de lições) votada a temas e autores da Antiguidade Clássica, Williams oferece um impressionante conjunto de análises de tópicos de filologia clássica, inserindo (ou extraindo) no âmago dessa discussão um modelo teórico muito engenhoso e culturalmente generalizável para pensar as implicações éticas e psicológicas de uma experiência de vergonha, individual e socialmente enquadrada. Para chegar à sua própria crítica moral da experiência de vergonha, Williams começa por referir a abordagem sartriana.

O meu fito nesta breve análise da «emoção» e da «impressão» de vergonha no interior de *L'être et le néant* foi, porém, o de desfazer ou, no mínimo, minorar, ambos os equívocos acima referidos, dando primazia teórica à reconstrução faseada do argumento relevante sobre a importância da vergonha no principal e mais longo tratado fenomenológico escrito por Jean-Paul Sartre. Não se trata de um exercício especulativo ocioso se ambos os problemas interpretativos tiverem sido esclarecidos, justamente na medida em que estes se repetem até ao presente em diferentes abordagens e contribuições para as chamadas teorias sobre a vergonha («shame-theory»), ou ainda em estudos multidisciplinares sobre a origem e o impacto, estético como moral, da vergonha enquanto emoção fundamental.

Contrariamente ao esforço sistemático feito por outras propostas teóricas e modelos descritivos que se propõem pensar a vergonha como uma emoção moral lesiva para o sujeito ou agente moral, com múltiplos impactos ao nível social, político, sexual, económico, mas sobretudo ético e experiencial, Sartre não isola a experiência de vergonha para análise em *L'être et le néant* (como Heidegger teria feito com a experiência da angústia ou «Angst», por exemplo, não apenas em *Sein und Zeit* como em outros textos periféricos).

A vergonha surge no âmbito de uma história metafísica muito complexa como um «instante de choque» que serve ao fenomenólogo empenhado para provar a facticidade, não apenas de um mundo exterior à consciência individual, mas de uma consciência individual que transcende a minha própria e que, além disso, lhe empresta contornos de apodicticidade formalmente indisponíveis no universo objetual que se lhe contrapõe. Essa é a relevância funcional incontornável da vergonha, para Sartre.

Por outro lado, a própria relevância funcional deste episódio descritivo para o projeto Sartriano como um todo não se limita ao instante de superação formal do solipsismo, e o impacto descritivo do modelo e até do exemplo ou conjunto de exemplos experienciais apresentados por Sartre em *L'Être et le néant* permitem abstrair uma conceção muito própria e pessoal para descrever o que seja uma experiência de vergonha e a respetiva espessura em termos fenomenológicos estritos. Sartre deixou-nos uma descrição muito robusta, feita a partir da perspetiva da primeira-pessoa, sobre aquilo que seja qualitativamente identificável como uma experiência de vergonha. O mesmo é dizer: é possível encontrar uma fenomenologia da vergonha nos textos de Jean-Paul Sartre, mesmo que tal esforço isolador não tenha estado entre os desígnios teóricos explícitos da sua obra de maturidade filosófica.

Interessou-nos aqui esclarecer o papel narrativo dessa emoção moral muito negativa no interior da história existencial do *Pour-Soi*, não apenas como uma forma de contribuir positivamente para o reacendimento recente da importância da filosofia existencial e do projeto Sartriano em particular para o panorama filosófico do século XXI, mas até como uma maneira de melhor entender alguns dos grandes projetos de filosofia moral da atualidade, que por vezes reclamam expressamente alguns dos melhores «insights» teóricos da fenomenologia de Jean-Paul Sartre.

Bibliografia:

- Aristóteles (2004). *Ética a Nicómaco*. Tradução, Prefácio e Notas de António de Castro Caeiro. Lisboa: Quetzal (<https://www.quetzaleditores.pt/produtos/ficha/etica-a-nicomaco/1956720>).
- Barnes, H (1992). "Translator's Introduction", in J.P. Sartre, *Being and Nothingness*. New York: Washington Square Press (https://books.google.pt/books?id=L6igUcpDEO8C&printsec=frontcover&dq=being+and+nothingness&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwi6_Mujn_vbuAhWl0eAKHdACDj4Q6AEwAHoECAMQAg#v=onepage&q=being%20and%20nothingness&f=false).
- Gardner, S (2009). *Sartre's Being and Nothingness: A Reader's Guide*. London: Continuum (<https://www.bloomsbury.com/uk/sartres-being-and-nothingness-9780826474698/>).

- Rawls, J. (1999). *A Theory of Justice*. Cambridge, Mass: Harvard University Press (<https://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674000780>).
- Sartre, J.-P. (1939). *Esquisse D'Une Théorie des Émotions*. Paris: Hermann (<https://books.google.pt/books?id=cfxEmgEACAAJ&dq=bibliogroup:%22Collection+Le+Livre+de+poche%22&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwjBIOvOpvbuAhWL3OAKHVnJCG8Q6AEwAHoECAEQAg>).
- « - » (1943 [2014]). *L'Être et le Néant: Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard (https://www.amazon.fr/L%C3%AAtre-n%C3%A9ant-Jean-Paul-Sartre/dp/2070293882/ref=sr_1_1?__mk_fr_FR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=O70SADZWX4JG&dchild=1&keywords=l%27etre+et+le+neant&qid=1613749679&s=books&prefix=l%27etre+et+%2Cstripbooks%2C175&sr=1-1).
- « - » (1993). *The Emotions: Outline of a Theory*. Translated from the French by Bernard Frechtman. Carol Publishinh Group (https://www.goodreads.com/book/show/331894.The_Emotions).
- Scheler, M. (1913). "Über Scham und Schamgefühl", in *Schriften aus dem Nachlass*, vol. I, *Zur Ethik und Erkenntnislehre*. Bern: Francke Verlag (<https://books.google.pt/books?id=ULcFkJUXMCGC&q=%C3%9Cber+Scham+und+Schamgef%C3%BChl,+in+Schriften+aus+dem+Nachlass,+vol.+I,+Zur+Ethik+und+Erkenntnislehre.&dq=%C3%9Cber+Scham+und+Schamgef%C3%BChl,+in+Schriften+aus+dem+Nachlass,+vol.+I,+Zur+Ethik+und+Erkenntnislehre.&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwjIg7eUqPbuAhUJ5u-AKHXXgDGsQ6AEwCHoECAQQAg>).
- Taylor, Gabriele (1985). *Shame, Pride and Guilt*. Oxford: Clarendon Press (https://www.goodreads.com/book/show/4163073-pride-shame-and-guilt?from_search=true&from_srp=true&qid=ILwOLtwCiA&rank=1).
- Williams, B. (1993). *Shame and Necessity*. University of California Press (https://www.goodreads.com/book/show/5596.Shame_and_Necessity?ac=1&from_search=true&qid=foyf9ybYV5&rank=1).
- « - » (2006). *The Sense of the Past: Essays in the History of Philosophy*. Edited and with an introduction by Miles Burnyeat. Princeton, NJ: Princeton University Press <https://press.princeton.edu/books/paperback/9780691134086/the-sense-of-the-past> .

